

Abril 2026

## Carta mensal

Um Conflito sem Prazo: O Dilema dos Mercados e Bancos Centrais

Abril foi marcado pela persistência do conflito entre Estados Unidos e Irã, que completou dois meses sem perspectiva clara de resolução. O Estreito de Ormuz permaneceu severamente restrito ao longo do mês, com os preços do petróleo pressionados e a volatilidade nos mercados globais em patamar elevado. A preocupação com os impactos econômicos do choque tornou-se mais evidente, uma vez que, quanto mais o impasse se prolonga, maior a probabilidade de que os efeitos sobre a inflação deixem de ser tratados como temporários e passem a contaminar o cenário de forma mais persistente.

O mês foi pontuado por momentos de alívio seguidos de reversão. O prazo de Trump para um possível ataque à infraestrutura energética iraniana foi prorrogado, as negociações avançaram e o próprio Trump chegou a anunciar a reabertura do Estreito e a remoção das minas. Pouco depois, porém, o Irã voltou a fechar a rota, um acordo não foi alcançado e não há perspectiva para novas conversas. Sendo assim, o período foi caracterizado por rodadas de otimismo seguidas de frustração, sem uma trajetória definida para o desfecho, e a extensão total dos prejuízos ainda é de difícil mensuração.

Nesse ambiente, os principais bancos centrais se reuniram com a tarefa de calibrar a política monetária em meio a um choque de difícil leitura. Globalmente, o prolongamento das hostilidades começa a reconfigurar as expectativas dos mercados, com países em patamar de juro neutro ou abaixo passando a precificar ciclos de alta. O Fed manteve os juros estáveis, reforçando a leitura de inflação ainda elevada, mercado de trabalho estável e atividade sólida, indicando baixa urgência para cortes no curto prazo. No Brasil, o Copom deu continuidade ao afrouxamento monetário, contudo, com tom de crescente cautela. O comunicado seguiu destacando a serenidade e parcimônia na condução e mencionando possíveis ajustes no ritmo e extensão do ciclo de calibração.

A duração do impasse segue como a principal variável a monitorar. Enquanto o Estreito permanecer restrito e os preços de energia pressionados, os bancos centrais tendem a preservar uma postura vigilante, evitando movimentos que possam comprometer as expectativas de inflação. Para o Banco Central do Brasil, a equação envolve ainda o comportamento do câmbio e a capacidade da economia de absorver o choque sem ampliar a desancoragem já existente. O processo de flexibilização dependerá, em larga medida, da evolução desse quadro nas próximas semanas.